



## **Sem medo da pesquisa empírica. A construção do objeto de estudo que abrange a relação dos ouvintes com o rádio em Joinville (1940-1970)<sup>1</sup>**

Izani Mustafá<sup>2</sup>

Faculdade Anhanguera de Joinville e Fundação Ippuj

### **Resumo**

O artigo é resultado das inquietações da autora em relação a construção do seu objeto de estudo para a tese de doutorado em Comunicação da PUC/RS. A pesquisa se propõe a conhecer a relação que os ouvintes mantiveram com as três primeiras rádios de Joinville – Difusora AM (1941), Colon (1958) e Cultura (1959) –, com os seus locutores, apresentadores, com os programas produzidos a partir do estúdio ou ao vivo nos auditórios e com os anúncios publicitários, compreender as relações que mantinham com esse veículo de comunicação e descrever o contexto socioeconômico, político, histórico e cultural. A metodologia aplicada será fundamentada na história oral, já que os narradores deste período (1940-1970) se apresentaram à autora quando a dissertação “Alô, alô, Joinville! Está no ar a Rádio Difusora AM. A Radiodifusão em Joinville/SC (1941-1961)” foi publicada em livro. Nesses encontros, os apreciadores do rádio descreveram determinados programas, relataram lembranças sobre quem eram os locutores e apresentadores e relembrou algumas propagandas no rádio.

**Palavras-chave:** Pesquisa; Empírica; Rádio; Jornalismo; História

Quando eu me deparei com o tema da Intercom Regional Sul “Quem tem medo da pesquisa empírica?”, fui instigada a pensar na tese em processo de elaboração dentro do doutorado em Comunicação Social, na PUC/RS. Fui levada a refletir sobre os caminhos que irei trilhar para realizar a pesquisa sobre o objeto de estudo: entender a relação dos ouvintes com o rádio, com a programação e com os apresentadores de programas que iam ao ar nas décadas de 1940 a 1970, em Joinville (SC). O tema para esta pesquisa é uma consequência da dissertação “Alô, alô, Joinville! Está no ar a Rádio Difusora AM. A Radiodifusão em Joinville/SC (1941-1961)” que trata da formação das três primeiras rádios de Joinville, e defendida em março de 2009, no Programa de Pós-

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 4 – Rádio e Mídia Sonora do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

<sup>2</sup> É jornalista (UFSC), mestre em História do Tempo Presente (Udesc) e doutoranda em Comunicação Social (PUC/RS). Atualmente, é assessora de imprensa da Fundação Ippuj e professora da Faculdade Anhanguera de Joinville (SC). Integra o grupo de pesquisa de Rádio e Mídia Sonora da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Foi professora das disciplinas teórica e prática de rádio na Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc por 8 anos. E-mail: izani@brturbo.com.br.



Graduação em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

O estudo foi publicado em livro um ano depois e, ao entrar em contato com a obra, várias pessoas se manifestaram no intuito de narrar suas experiências como ouvintes de uma ou das três emissoras analisadas: Difusora AM, Colon AM e Cultura AM. Numa conversa rápida, elas apresentaram suas memórias sobre o relacionamento direto e indireto que mantiveram com alguns locutores, apresentadores, programas de auditório, anúncios publicitários, enfim, todos os aspectos de sua vida cotidiana ligada ao rádio. Sei que foram ouvintes, que gostam de rádio e que viveram na sociedade joinvilense, com sua cultura, economia, política e história, no período em análise. É tempo de elaborar um questionário, porque é preciso ir a campo. É necessário fazer contato com essas pessoas e aplicar a pesquisa empírica que identifique, por exemplo, como era a cultura do cotidiano e qual é a identidade desses ouvintes, em nível local, regional e nacional. É imprescindível conhecer as práticas do cotidiano, a sua família, o seu trabalho para conhecer cada um desses narradores que ouviam rádio já nas décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970. Será que hoje eles ainda ouvem rádio? Onde viveram e onde vivem os ouvintes? São questões para ser respondidas pelos entrevistados a fim de que se possa ter uma compreensão melhor do contexto sócioeconômico, político, histórico e cultural em que eles estavam inseridos.

Como afirma Maria Immacolata, o trabalho de campo pode ser um importante “elemento fundante da pesquisa empírica<sup>3</sup>” e neste caso irá se configurar uma “experiência insubstituível para o pesquisador.<sup>4</sup>” Ao estar em contato com as fontes orais, a estudiosa estará também aprendendo a fazer entrevistas que vão buscar vestígios das memórias de pessoas até então desconhecidas, com quem não mantinha nenhuma relação. Como alerta Philippe Joutard,

a qualidade da entrevista depende do envolvimento do entrevistados, e este não raro obtém melhores resultados quando leva em conta sua própria subjetividade. Porém, reconhecer tal subjetividade não significa abandonar todas as regras e rejeitar uma abordagem científica, isto é, a confrontação das fontes, o trabalho crítico, a adoção de uma perspectiva. Pode-se mesmo dizer, sem paradoxo, que

---

<sup>3</sup> BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; MARTINO, Luiz Cláudio (Orgs.). **Pesquisa Empírica em Comunicação**. p. 41

<sup>4</sup> Idem. p. 41



o fato de reconhecer sua subjetividade é a primeira manifestação de espírito crítico.<sup>5</sup>

A história oral é uma poderosa ferramenta analítica quando atrelada aos estudos relacionados com a área de comunicação, podendo ser considerada inclusive como uma abordagem científica, apesar de alguns historiadores a rejeitarem. É necessário que o pesquisador, seja ele da área da Comunicação ou da História, respeite antes de tudo o próprio narrador. De acordo com François Bédarida, nenhum e nem outro “tem a vocação para ser um tribunal nem um pódio de distribuição de prêmios, ainda sim se impõe desde logo a questão dos valores e da relação entre ciência e ética<sup>6</sup>”. É preciso que o pesquisador mantenha uma “responsabilidade moral como pessoa e como cidadão<sup>7</sup>” e também tenha consciência de que seu trabalho representa uma função social. Deve-se enfatizar ainda que essas entrevistas devem ser realizadas com seriedade e respeito a quem está lhe concedendo as informações e as lembranças guardadas em sua memória.

As entrevistas concedidas ao pesquisador também precisam ser autorizadas. “A carta de cessão é um documento fundamental para definir a legalidade do uso da entrevista<sup>8</sup>”, sugere José Meihy. Para completar, ele diz que é “prudente vincular o controle do uso da gravação das entrevistas. E todo cuidado e precaução se faz necessária porque a história oral o entrevistador busca o “registro da experiência vivencial ou, em alguns casos, informações factuais.<sup>9</sup>” De acordo com Meihy, a história oral é um “documento objetivo que vale por si e, nesse, dispensa a análise, ou é equiparado a outros discursos ou documentos.<sup>10</sup>” No caso da tese que será elaborada a partir das memórias de ouvintes das três primeiras emissoras de Joinville, o registro oral será fundamental e, em algumas situações, poderá ser contextualizado com a história documentada e registrada em fotos com o objetivo de complementar as informações declaradas pelos narradores. O que a autora pretende fazer, além de ouvir os registros de

---

<sup>5</sup> JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001. p. 57

<sup>6</sup> BÉDARIDA, François. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001. p. 226

<sup>7</sup> Idem. p. 226

<sup>8</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 148

<sup>9</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 75

<sup>10</sup> Idem. p. 75



experiências desses ouvintes, utilizando um questionário bem estruturado e que possibilite espontaneidade é, como destaca Meihy, “excitar o lado esquecido como parte do todo explicativo dos fatos e emoções.”<sup>11</sup> Quem trabalha com a história oral precisa ainda entender e respeitar o esquecimento porque, segundo Meihy, existe “uma relação direta entre a memória e o esquecimento, e é importante observar uma para entender o outro.”<sup>12</sup> Assim como o que ficou esquecido, também o que é lembrado e ficou retido na memória é importante para o entrevistado. E, indo mais além, o silêncio, as omissões e as fantasias do interlocutor merecem atenção e devem ser compreendidos como um aspecto significativo para quem trabalha com a história oral.

### **A construção do objeto de estudo**

A reflexão sobre o trabalho de campo está em ebulição. Definidos o tema e a metodologia, que será a utilização da história oral, com o apoio dos registros documentais existentes sobre a radiodifusão, é tempo de construir o objeto de estudo, a tese em si. A partir do problema para saber como era a relação do ouvinte com o rádio, com os apresentadores, com os programas, é pertinente reunir os conceitos das diferentes teorias e encontrar os melhores métodos para a construção deste objeto de estudo. E como alerta Maria Immacolata, o domínio metodológico não pode ser frágil como tem se mostrado nas pesquisas empíricas de Comunicação. Na opinião da doutora em Ciências da Comunicação, “não existe coleta de dados sem pressupostos teóricos, ou seja, na feliz expressão de Bourdieu, as técnicas são teorias em ato.”<sup>13</sup> Ela se fundamenta em Bourdieu para afirmar que a prática da pesquisa, envolvendo a elaboração do questionário até sua análise é uma teoria em ato e, portanto, um procedimento de construção. É imprescindível que o pesquisador esteja consciente das técnicas escolhidas enquanto estiver trabalhando com os dados empíricos.

Durante a entrevista, o pesquisador como o entrevistado estarão vivenciando uma relação de conhecimento onde “um é dono de um saber especializado, outro, de um saber prático ou que é de interesse desse outro”<sup>14</sup>, complementa Immacolata. O trabalho de campo também é uma situação de comunicação porque envolve os atores num

---

<sup>11</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Op. Cit.** p. 75

<sup>12</sup> *Idem.* p. 75

<sup>13</sup> BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; MARTINO, Luiz Cláudio (Orgs.). **Op. Cit.** p. 42

<sup>14</sup> *Idem.* p. 43



“processo de negociação, colaboração e resistência que incidem na coleta de dados e nos resultados de sua análise”<sup>15</sup>.

Segundo Immacolata, “os relatos relevantes dos entrevistados para os objetivos da investigação costumam emergir mais dessa experiência reflexiva sobre o trabalho de campo do que de entrevistas previamente formatadas”<sup>16</sup>. Ela acrescenta também que a confiança e o compromisso entre a fonte e o entrevistado não são imediatos e sim que fazem parte da “construção de um padrão de interação”<sup>17</sup> que tem historicidade e envolve a micro-historicidade e a macro-historicidade da “relação estrutural pesquisador-pesquisado, e combina interesses, sistemas de representação, expectativas e afetos.”<sup>18</sup> Portanto, o trabalho de campo é o espaço onde acontece a interação com determinadas finalidades e também se sobressai o interesse do acadêmico com sua relevância científica para construir o seu objeto de estudo. E quando se conhece dois caminhos dentro das Ciências Humanas, é mais fácil conduzir uma tese que aborda a relação dos ouvintes com o rádio? Até que ponto o conhecimento de Jornalismo e História podem contribuir para a construção desse objeto de estudo?

### **Caminhos cruzados: jornalismo e história**

A História pode casar com o Jornalismo. Os dois pertencem à mesma família, às Ciências Humanas e seus principais objetos de estudo são o homem e a sociedade. Eles têm muito em comum e caminham juntos. Têm muitas afinidades, apesar da História já existir bem “antes da constituição das Ciências Humanas”, como afirma Michel Foucault, em “As Palavras e as Coisas”. Segundo ele, as Ciências Humanas existem

(...) desde os confins da idade grega, exerceu ela na cultura ocidental um certo número de funções maiores; na memória, mito, transmissão da Palavra e do Exemplo, veículo da tradição, consciência crítica do presente, decifração do destino da humanidade, antecipação do futuro ou promessa de um retorno.<sup>19</sup>

O Jornalismo, fruto da Comunicação, surgiu naturalmente, para registrar os fatos do dia-a-dia, do cotidiano do indivíduo e da sociedade. Trata-se de um ofício que, em

---

<sup>15</sup> Idem. p. 43

<sup>16</sup> Idem. p. 43

<sup>17</sup> Idem. p. 43

<sup>18</sup> Idem. p. 43

<sup>19</sup> FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 384



geral, não permite aprofundar. A prioridade é informar, colocar os leitores, ouvintes e/ou espectadores a par dos fatos mais recentes. Se possível, na hora do acontecimento ou, no máximo, alguns minutos após. O Jornalismo é a História Imediata que se contrapõe, portanto, à História do Presente. Mesmo assim, o Jornalismo e a História podem casar e viver muito bem, desde que cada um tenha consciência da sua importância no contexto onde vivem e se respeitem. Cada um pode ensinar e aprender muitas coisas junto, desde que o orgulho seja deixado de lado. A humildade é imprescindível para que ambos entendam e aceitem as suas limitações.

É necessário entender que ambos são importantes e não são excludentes. Ao contrário, ocupam diferentes lugares e têm a sua importância dentro das Ciências Humanas. No primeiro capítulo do livro “Questões para a História do Presente”, Agnes Chaveau e Philippe Tétart, afirmam que:

(...) todos que se exercitam na história imediata, jornalistas, historiadores (...) tendem espontaneamente e se colocar em graus diversos, na horizontalidade cronológica e não na verticalidade sincrônica da análise pontual, verdadeiramente imediata, porque tal não é o método histórico, porque o próprio público espera um esboço do futuro e um esclarecimento do presente pela “reverberação histórica”.<sup>20</sup>

De acordo com os autores, “foram a pressão jornalística e a demanda social conjugadas que impuseram o princípio da história imediata a partir da metade dos anos 50”.<sup>21</sup> Por causa disto, a história escrita no tempo presente gera tantas polêmicas. É necessário entender ainda que tanto o historiador quanto o jornalista são homens e mulheres, cidadãos e cidadãs, protagonistas de um momento e, conseqüentemente, pertencem à História. O historiador e o jornalista pertencem ao mundo contemporâneo e ambos têm uma postura para assumir: precisam se abstrair das “interferências da ideologia e da subjetividade, estudando-as e procurando apreender verdadeiramente seu objeto além de uma acepção puramente histórica.”<sup>22</sup>

O jornalista pode testemunhar um momento histórico e apenas contá-la. O historiador do tempo presente, além de ser testemunha, terá a missão de analisar esse

---

<sup>20</sup> CHAVEAU, Agnes; TÉTART, Philippe (org). **Questões para a História do Presente**. Bauru: Edusc, 1999. p. 21

<sup>21</sup> Idem. p. 22

<sup>22</sup> Idem. p. 36



momento histórico. Os dois, no entanto, terão que se manter isentos, ou como diz Marc Bloch, no quarto capítulo, “A análise histórica”<sup>23</sup>, serem imparciais frente à história. Mais uma vez eles trilham o mesmo caminho, juntos, unidos, porque o maior problema deles é a imparcialidade para que não caiam no erro de julgar, a exemplo dos juízes quando precisam declarar a sentença. A eles cabe compreender o fato. Historiadores e jornalistas também têm que manter um certo distanciamento em relação ao objeto de estudo para evitar que os sentimentos se sobreponham à razão, necessária para a análise histórica, com uma linguagem adequada “capaz de desenhar com precisão os contornos dos fatos, embora conservando a flexibilidade necessária para se adaptar progressivamente às descobertas, uma linguagem sobretudo sem flutuações nem equívocos.”<sup>24</sup>

E foi por acreditar no casamento da História com o Jornalismo que a pesquisadora, depois de 22 anos ter concluído o curso de Jornalismo, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), fez o mestrado em História do Tempo Presente na Universidade Estadual de Santa Catarina (Udesc). Para recuperar a história da radiodifusão de Joinville e entender a relação política e a formação das três primeiras emissoras, entre 1941 e 1961, foi necessário ir muito além dos conhecimentos teóricos e, principalmente, rever a postura de jornalista, cujo ímpeto e o relógio determinam a rápida obtenção das informações de maneira objetiva e imediata, para cumprir a pauta do dia.

Quando iniciou o estudo, tinha uma certeza, a de não apenas relatar cronologicamente o surgimento das três primeiras rádios da maior cidade de Santa Catarina. Havia uma conscientização e uma maturidade de que era preciso aprender o ofício de historiador e de calçar as regras do método científico, com o rigor profissional de quem conta uma história e não a recria ou a reinventa de acordo com os documentos encontrados. Assim como diz Jacques Le Goff:

O presente me interessa antes de tudo como cidadão, como homem do presente, mas diante dos acontecimentos, dos fenômenos, dos problemas importantes, minha reação é a de um historiador, de um aluno de Marc Bloch.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 125

<sup>24</sup> Idem. p. 135

<sup>25</sup> CHAVEAU, Agnes; TÉTART, Philippe (org). **Op. Cit.** p. 93



A declaração acima, que abre o sexto capítulo “A visão dos outros: um medievalista diante do presente” resume a preocupação da jornalista desde o momento em que começou a esboçar o projeto para o mestrado em História do Tempo Presente até sua conclusão. O objetivo era sim, “Esclarecer o presente pelo passado e o passado pelo presente”.<sup>26</sup> Afinal, o passado do qual quis se ocupar, faz parte do presente, porque a dissertação não se concluiu nas 218 páginas – incluindo referências bibliográficas e anexos, ao contrário, abriu um leque para uma pesquisa mais profunda, agora com a reconstituição do rádio de Joinville por meio das memórias de ouvintes para a tese de doutorado. A angústia misturada com a inquietude neste momento está presente na jornalista que percorreu os caminhos da história para narrar um momento vivido por pessoas que ouviam rádio, mantinham uma relação com o rádio e com os apresentadores de programas apresentados no estúdio ou nos auditórios. É imprescindível registrar que a história está em constante movimento e se não existem documentos e livros, pode-se utilizar as fontes orais para que possam relatar e recontar uma parte da história que viveram.

O ponto de partida para aprender com a História foi quando a autora, em abril de 2007, conheceu e leu sem titubear, na verdade, embevecida, o livro “Apologia da História ou O ofício de Historiador”, de Marc Bloch. A partir desta leitura obrigatória para a disciplina de Teoria e Metodologia da História, ela compreendeu que a responsabilidade em escrever a dissertação por meio da história oral, já que não havia documentos, livros, mas personagens vivos, fotos e muitas memórias. “Papai, então me explica para que serve a história.”<sup>27</sup> Essa é a primeira frase da obra, escrita em 1942, mas que a estudiosa soou como atual e estimulante. A partir daí, as perguntas em relação ao projeto de dissertação, naquela época, e novamente agora, com a tese de doutorado, se intensificaram e, em alguns momentos, as respostas chegavam ao cérebro absolutamente certas. Noutros, totalmente incompletas e incertas. Na verdade, em vários momentos ainda é possível que não haja respostas.

Uma das perguntas, durante o mestrado, era onde a pesquisa sobre a radiodifusão de Joinville se encaixava? Na reestruturação do projeto, com a orientação

---

<sup>26</sup> CHAVEAU, Agnes; TÉTART, Philippe (org). **Op. Cit.** p. 93

<sup>27</sup> BLOCH, Marc. **Op. Cit.** p. 41



da professora e doutora Márcia Ramos de Oliveira, a jornalista e estudante começou a ler o livro “Nas Ondas da Modernização: o rádio e a TV no Brasil de 1950 a 1970”, da doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, Amara Rocha – lançado na Anpuh 2007, em São Leopoldo. E eis que ela se depara com a pergunta que se fazia: “Para que serve uma história dos meios de comunicação?”.<sup>28</sup> Ou então, quando pensava a respeito do tema sobre radiodifusão e leu a mesma pergunta que Amara se fazia: “Seria um tema para o historiador? O rádio e a televisão justificariam o investimento acadêmico de uma pesquisa de doutorado em história social?”.<sup>29</sup> A resposta é sim, claro que se justifica porque, afirma ela tão bem sabiamente:

Se pensarmos que esses meios de comunicação atuaram na transformação da organização espacial e temporal da vida social, entrelaçando-se ao processo de modernização da sociedade brasileira, e que essas conexões foram historicamente construídas, percebemos a importância de interpretar suas implicações a partir da perspectiva da história social.<sup>30</sup>

A resposta de Amara Rocha chamou atenção da autora. A radiodifusão foi pensada, por exemplo, pelo educador Edgar Roquette-Pinto, em 1922 – quando aconteceu a primeira transmissão de som, na exposição do Centenário da Independência do Brasil – para ser um meio eletrônico voltado para a educação, alfabetização e cultura. Tanto é que, em 1923, ele começou a dirigir a primeira emissora no país, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com a proposta de ser um veículo de comunicação voltado para a sociedade, com objetivo de contribuir para a formação do cidadão.

A exemplo de outros meios de comunicação, o rádio é sim responsável pela transformação da vida social das pessoas e também fez parte das modernizações que foram ocorrendo nos anos posteriores. Um exemplo de como o rádio agia nestas mudanças está na década de 1940, com a Rádio Nacional do Rio de Janeiro que mobilizava os ouvintes por meio dos programas de auditório, programas de humor e radionovelas. Milhares de pessoas acompanhavam a programação, em determinados

---

<sup>28</sup> ROCHA, Amara. **Nas Ondas da Modernização: O Rádio e a TV no Brasil de 1959 a 1979**. Rio de Janeiro: Aeroplano: FAPERJ, 2007. p.19

<sup>29</sup> Idem. p.15

<sup>30</sup> Idem. p.15



horários, e se extasiavam com o que ouviam pelas Ondas Curtas, que chegavam a vários pontos do Brasil e até ao exterior.

Nos anos de 1940 também, o rádio foi utilizado pelo presidente da República Getúlio Vargas para divulgar suas conquistas para a nação, suas metas e a sua ideologia política de nacionalizar o país, para protegê-lo da invasão das multinacionais. Comícios e falas oficiais eram transmitidas na íntegra. E, além disso, em função da Segunda Guerra Mundial, o Repórter Esso – radiojornal cujo modelo é norte-americano – se transformou no “testemunha ocular dos fatos”. A credibilidade do programa era tão grande que as pessoas são acreditavam na notícia se ela tivesse sido divulgada no Repórter Esso.

Portanto, a dissertação sobre as rádios pioneiras de Joinville – Rádio Difusora AM (1941), Rádio Cultura AM (1957) e Rádio Colon AM (1959) – que entraram no ar em dois diferentes governos nacionalistas – Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek – teve uma história a ser recontada. Como as rádios estudadas não possuíam também um acervo com material escrito e sonoras arquivados, foi preciso que a pesquisadora recorresse às entrevistas orais com radialistas que viveram o rádio nas décadas de 1940 e 1950. Os depoimentos e biografias desses profissionais foram de suma importância para a escrita sobre a radiodifusão de Joinville.

E foi com os conhecimentos teóricos metodológicos que a autora sentiu-se amparada para tentar reconstituir a história do rádio com cientificidade. A passagem pelo mestrado em História autorizou a fala perante a comunidade acadêmica e diferenciou o trabalho, que poderia ser simplesmente jornalístico, para estar entre pesquisas científicas. E por acreditar no casamento da História com o Jornalismo, a dissertação foi historiografada com distanciamento, isenção, empatia e responsabilidade. As duas disciplinas, aliadas a tantas outras, que não podem ser descartadas em nenhuma hipótese, como a Sociologia, Economia, Antropologia e Filosofia, fazem parte das Ciências Humanas e convivem em paz. Como definiu Benjamin, é imprescindível “escovar a história a contrapelo”<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> LOWY, Michael. **Walter Benjamin: um aviso de incêndio (Uma leitura das teses “Sobre o conceito de História”**. São Paulo: Boitempo, 2005. p.74



### **O paradoxo entre ser jornalista e historiadora**

A vivência no mestrado de História da Udesc também possibilitou que a estudiosa percebesse que o casamento da História com o Jornalismo também é possível, permitido e viável em sala de aula. O campo de percepção sobre o mundo que envolve a radiodifusão ampliou, deu um giro de 180 graus. Como professora das disciplinas teóricas e práticas no curso de jornalismo na Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc (Joinville/SC), por oito anos, os conceitos teóricos estudados contribuíram definitivamente para uma mudança da abordagem do tema em sala de aula. O conteúdo levado para os alunos ficou mais aprofundada. Não basta apenas situar o rádio num contexto, é necessário ir muito além a fim buscar nas nuances de uma bibliografia a história que está por trás de cada momento.

As reportagens passaram a ter uma abordagem mais minuciosa, e, em vez de ir atrás da informação rapidamente, passaram a ser elaboradas com conteúdos mais profundos. Pelas novas leituras e aprendizados, a pesquisadora deixou de pensar a notícia como mais uma simples notícia. As informações também devem contribuir para a formação cidadã e ser um viés de uma história a ser contada a quem estiver lendo ou ouvindo. E um outro método a ser utilizado é, sem dúvida, a empatia, citado por Walter Benjamin, no capítulo “Sobre o Conceito da História”, tese sete, quando afirma que: “A empatia como o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso diz tudo para o materialismo histórico”<sup>32</sup>. Trata-se sim de um “conceito novo: a *Einfühlung*, cujo equivalente mais próximo seria a empatia, mas que ele próprio traduzira por ‘identificação afetiva’<sup>33</sup>, como escreve Michael Lowy. No papel de jornalista ou de historiadora, cabe o pesquisador também se colocar no lugar da outra pessoa a fim de tentar compreender os seus sentimentos. Eis mais um ponto em comum entre a História e o Jornalismo.

---

<sup>32</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 225

<sup>33</sup> LOWY, Michael. **Walter Benjamin: um aviso de incêndio (Uma leitura das teses “Sobre o conceito de História”**. p. 71



### **Considerações finais**

Neste momento de dar início à pesquisa empírica do objeto de estudo que vai procurar entender a relação dos ouvintes com o rádio, com a programação, com os locutores e apresentadores de programas produzidos a partir do estúdio ou ao vivo nos auditórios das três primeiras emissoras de Joinville (SC), no período de 1940 a 1970, está definida a metodologia que será utilizada: a história oral. Uma importante e necessária ferramenta analítica para estudos da Comunicação e que por si só tem uma abordagem científica e válida para esta pesquisa que pretende entrevistar esses ouvintes dentro também de seu contexto socioeconômico, político, histórico e cultural.

A entrevista com os narradores daquele período será elaborada de maneira que a estudiosa possa observar como era a cultura do cotidiano e qual é a identidade desses ouvintes, em nível local, regional e nacional. Os questionamentos serão direcionados para conhecer as práticas do cotidiano, a família e o trabalho de cada um desses narradores que ouviam rádio já nas décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970.

Na construção deste objeto de estudo, que trará a tona lembranças e memórias de ouvintes das rádios Difusora AM, Colon AM e Cultura AM, a pesquisadora também se apropria dos conhecimentos adquiridos no curso de graduação de Jornalismo (UFMS) e do curso de mestrado em História do Tempo Presente (Udesc) e conclui que as duas áreas caminham juntas e vão contribuir para a elaboração da tese.

### **Referências bibliográficas**

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BIANCHI, Graziela. **Mediatização radiofônica nas memórias da recepção: Marcas dos processos de escuta e dos sentidos configurados nas trajetórias de relações dos ouvintes com o rádio**. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação. São Leopoldo, Unisinos, 2010.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; MARTINO, Luiz Cláudio (Orgs.). **Pesquisa Empírica em Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010. Livro Compós 2010.
- CHAVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LOWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio (Uma leitura das teses “Sobre o conceito de História”)**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.



MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

PAVAN, Ricardo. **Tradições e contemporaneidade na Mídiação das Identidades Culturais: As configurações humorísticas radiofônicas do Top Show e os sentidos produzidos por ouvintes do Extremo-Oeste de Santa Catarina**. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação. São Leopoldo, Unisinos, 2011.

ROCHA, Amara. **Nas ondas da modernização: o rádio e a TV no Brasil de 1950 a 1970**. Rio de Janeiro: Aeroplano/Faperj, 2007.